

ARTES VISUAIS

O universo de Iberê Camargo antes da pintura



Adriana Lampert
adriana@jornaldocomercio.com.br

Neste sábado, às 14h, a Fundação Iberê (Padre Cacique, 2.000) inaugura a maior exposição em número de obras de Iberê Camargo (1914-1994) já realizada pela Instituição, reunindo 1.091 desenhos e estudos do pintor. Intitulada *Iberê Camargo: quem sabe, o tempo...*, a mostra tem curadoria da artista visual e pesquisadora Carmela Gross e permanece em cartaz até o dia 28 de março de 2027, com visitação de quinta-feira a domingo, das 14h às 18h. Os ingressos custam entre R\$ 10,00 e R\$ 30,00 - exceto às quintas-feiras, quando a entrada é gratuita. Também no dia da abertura da mostra, o acesso ao público ocorre sem custos.

O conjunto abrange diferentes fases da produção de Iberê Camargo, incluindo registros de 1927 e 1928, produzidos ele aos 13 anos de idade. Segundo Carmela, a gênese do projeto ocorreu durante sua exposição *Boca do Inferno*, realizada

na Fundação Iberê em 2024. Ela explica que a proposta curatorial utiliza como impulso o conto *O relógio*, escrito por Iberê em 1959, para focar o tempo de trabalho que antecede a pintura. “Acho que o conto evoca o aspecto físico e material da pintura, marcada por grandes massas cromáticas e intensidade de cor. No entanto, utilizei o texto apenas como estímulo para desviar desse campo corporal e buscar o ‘primitivo’, os bastidores e as anotações que revelam o processo mental antes da matéria pictórica.”

Segundo Carmela, o desenho permite entrar no universo do pensar, e não apenas no fazer artístico. “Quereria falar de um tempo que antecede à pintura, o tempo do desenho. E o desenho é outra coisa... A atenção ao pequeno, ao efêmero, as anotações distraídas sobre um papel qualquer, ensaios, repetições, rabiscos, rasuras, linhas incertas, restos, excessos, sombras. Enfim, coisa mental, no registro de Leonardo da Vinci”, explica a curadora, referindo-se ao conceito

Desenhos de Iberê Camargo revelam o trabalho e o processo mental anteriores à pintura

que vem da expressão “la pittura è cosa mentale” (a pintura é uma coisa mental), atribuída ao polímata renascentista.

Durante um ano, Carmela e a assistente Carolina Caliento mergulharam no acervo de mais de 3.800 desenhos de Iberê pertencentes à instituição, preservados em sua grande maioria por iniciativa de Maria Coussirat Camargo, esposa do artista. A seleção final de pouco mais de mil peças incluiu traços do pintor ainda adolescente, descobertos por acaso durante a pesquisa digital do arquivo. A curadora reforça que esses desenhos revelam o primeiro impulso do pensar por meio de instrumentos simples, como caneta e lápis. O processo de redução do material foi pautado por um critério de afinidade e descoberta, conforme descreve Carmela: “O acervo é como uma ‘arca de Noé’, que nos convoca a viajar pelo



FABIO DEL RE/DIVULGAÇÃO/JC

universo Iberê. Impossível selecionar. Eu queria tudo, mostrar tudo! Escolher cada exemplar foi uma tarefa ao mesmo tempo cansativa e prazerosa, ponderando cada escolha pelo gosto ou pelo entusiasmo da descoberta”.

A viabilização técnica desta exposição envolveu o manejo de listas e tabelas numeradas, em um processo de planejamento que a curadora compara a um roteiro de cinema, onde se determinam cenas e diálogos para consolidar a ideia. O material será apresentado em três salas do último andar da Fundação.

Em vez de uma leitura linear ou cronológica, os desenhos ocupam 93 pranchas de 1,20m por 0,80m, formando blocos e conjuntos que se assemelham a uma grelha, que pode ser associada à estrutura de uma janela. Carmela Gross conta que projetou a disposição para que o olhar do visitante seja guiado pelo acaso dos mosaicos, transformando as superfícies de exibição em aberturas simbólicas. “Juntos e ordenados em sequência, eles formaram virtualmente amplas ‘janelas’, simbolicamente abertas de par em par para o mundo lá fora”, define.